

Antonella Grieco

Na mesa da esperança

INTRODUÇÃO

O presente artigo visa discutir a realidade das cidades hoje em dia, no período do capitalismo neoliberal, por meio das teorias de três importantes autores das ciências humanas no século XX e começo do século XXI. São eles: um filósofo, Henri Lefebvre, um sociólogo, Pierre Bourdieu, e um geógrafo, David Harvey. Estes três autores muito discutidos hoje em dia nos vários campos das ciências humanas, produziram alguns conceitos fundamentais e muito úteis para entender as transformações e os conflitos sociais que têm ocorrido nas cidades do mundo como um todo, mas, de maneira mais dramática, nos países da periferia do sistema mundo.

Para tanto, foi escolhida uma cidade em particular, o Rio de Janeiro, sobre a qual serão feitas as reflexões com as teorias desses três ilustres autores. A escolha não se deve apenas por proximidade e comodidade, porque o artigo está sendo escrito a partir desta cida-

de, o nosso próprio programa de pós-graduação localiza-se nela. Mas também, sobretudo, porque nossa cidade tem seguido um modelo de gestão e de crescimento próprio desta atual fase do capitalismo global e que ocorreu também em outras cidades pelo mundo. Trata-se do modelo de fazer da cidade sede de grandes eventos (no caso, de eventos esportivos), e, assim, conseguir atrair investimentos e promover grandes reformas urbanas. A consequência tem sido, entretanto, bastante perversa, causando remoções, desalojamentos e violências. Esse modelo segue, por trás das propagandas oficiais, a lógica de benefícios para poucos e reveses para muitos.

O que é muita novidade para olhos inocentes repete, entretanto, estratégias comuns e históricas da urbanização sob o capitalismo, apesar de ter, sim, algumas formas novas. Os conceitos e teorias de nossos três autores ajudarão a identificar o que há de historicamente comum nesse modelo de gestão das

Antonella Grieco

possui graduação em História, tradição e inovação - Università degli Studi di Siena (2011), mestrado em Ética dos negócios, do consumo e da responsabilidade social - Università degli Studi di Siena (2013) e mestrado em História e Filosofia - Università degli Studi di Siena (2015). Doutoranda em Planejamento Urbano e Regional (IPPUR/UFRJ).

griecoantonella17@gmail.com

idades e o que há de novidade, assim como esboçar explicações sobre os conflitos e perversidades. O objetivo então será apresentar os conceitos e suas definições, chegando à discussão sobre as teorias dos autores, e também tentar comparar e fazer dialogar os diversos conceitos e teorias. Dessa forma, espera-se identificar diferenças e semelhanças na visão destes três autores.

O diálogo entre as teorias e os autores será feito de maneira pouco usual, para nosso costume acadêmico atual. Entretanto, foi uma forma muito comum entre os antigos gregos, especialmente em Platão. Será construído um diálogo hipotético entre estes autores, imaginado que eles estivessem conversando todos, num mesmo presente, numa dessas mesas de bar do Rio de Janeiro. O ambiente coloquial e a imaginação de conversa serviram para criar um ambiente mais coloquial e facilitar a imaginação de um diálogo entre os autores e teorias. O esperado é que, para os leitores, também se torne mais prazeroso.

ATO I: A CRIAÇÃO DA CIDADE COMO PALCO OU COMO ESPETÁCULO

David Harvey: É... mestre, acho que você estava mais do que certo!! Em pleno século XXI e, por causa da ocorrência da Copa do Mundo de futebol e das Olimpíadas, eventos tão propagandeados e comemorados por grande parte da população da cidade, acabou que muita gente foi desalojada e removida, muitas vezes com violência brutal...

Henri Lefebvre: Pois é... meu jovem, não foi o que já tinha dito? No capitalismo é assim: o valor de troca se impõe sobre o valor de uso, destrói e reconstrói a cidade de acordo com seus interesses! Desde o começo do capitalismo foi assim... Mas este modelo acentuou-se depois da Revolução Industrial e tornou-se maduro no século XIX, ao menos na Europa. A partir de então, a urbanização caminha nos passos da valorização do capital, enquanto as resistências não o subvertam!

David Harvey: E as transformações na cidade, e as resistências, aqueles que viviam na cidade ontem? Mudou alguma coisa hoje, no século XXI? Ou são semelhantes ao que ocorria no passado, no século XIX?

Henri Lefebvre: Digamos que a essência do processo é a mesma, mas o contexto socioeconômico e político é que é bem diferente!!... No século XIX, Haussman propôs a modernização de Paris, reestruturou uma

grande parte da cidade. Derrubou grande parte da cidade e, depois, construiu de novo! Processo que foi chamado de reforma urbana! As pequenas ruelas da Paris medieval, mutia habitada de pequenos mercadores, comerciantes, que vendiam serviços... cheia de vida, da gente circulando, foi demolida, para dar lugar aos grandes bulevares, imponentes, largos e embelezados por árvores dispostas harmoniosamente e artificialmente. O que estava se facilitando a circulação, não exatamente das pessoas e da vida, mas, sim, a circulação do capital. Transformou-se o espaço da Paris antiga para dar lugar a um mundo de consumo, dos artigos de luxo, da Belle Époque! E hoje, será que não podemos dizer que ocorre a mesma coisa?... Os pequenos comerciantes das ruas do entorno ao Boulevard Olímpico foram retirados... Aquela rua sabe? Caminho da Avenida Rio Branco para a Praça Mauá? Noutro dia vi uma entrevista de um camelô que tinha sua barraca ali e vendia alimentos. Ele dizia que não foi só removido, mas também sequer dirigido a outro local... Ele não recebeu nada!!...

David Harvey: Mestre, permita-me lembrar isso, tu é bem aí, reformador do marxismo, mas isso já tinha dito Rosa Luxemburgo. Isso é acumulação primitiva, mas com outros moldes...

Henri Lefebvre: Não discordo.

David Harvey: E esse nome? Boulevard Olímpico? Tu está mesmo certo, mestre! É quase a mesma coisa! Quase... Porque, agora, o nome é copiado, a arquitetura é copiada, tudo é cópia de várias épocas e contextos... tudo é *kitsch*. É a condição pós-moderna, a parte cultural que vai acima e legitima estes tempos móveis de acumulação flexível... A praça é palco para show agora, de graça, mas custou milhões... Na cidade de eventos, as empresas construtoras é que ganham, o capital é investido, deslocando temporalmente a crise, que virá... Ninguém vê, mas a praça é palco de um show de horrores...

Henri Lefebvre: Eu diria que é representação do espaço, ou espaços de representação... depois me explico melhor. Porque, olha só, além dos comerciantes, na região portuária da cidade, aquela que foi toda reformulada por uma ação fruto de uma parceria público-privada, também havia gente morando. Sim, era uma região antiga e abandonada da cidade, onde prédios antigos viraram casas populares, onde terrenos vazios viraram estacionamentos, onde o povo se apropriou porque vivia e trabalha naquela porção do espaço abandonada pelo detentores do dinheiro que visam apenas reproduzi-lo...

David Harvey: A gentrificação, certo mestre?... *Gentrification*, como dizem os americanos...

Henri Lefebvre: Que seja!... Pode-se pôr o nome que se quiser, mas a lógica é a mesma, o espaço agora é produzido segundo o interesse da reprodução do capital, o espaço tem valor. Pessoas se retiram, surgem os subúrbios, o Estado é chamado a planejar o espaço, mas o Estado não é neutro, ele usa de representações e concepções do espaço próprias desse espaço dominado pelo valor de troca. O estado participa da produção de um espaço social valorizado diferencialmente, segundo interesses da classe dominante, enquanto o povo, as pessoas que vivenciam realmente, circulam, trabalham, amam e sofrem no espaço, cria ligações com o espaço, mas fica à reboque... pois não tem tanto poder para produzir materialmente o espaço. E, assim, deslocado, tem que lutar depois para se virar num espaço que não produziram, e nem tem consciência de como foi produzido...

David Harvey: A fábrica é a cidade agora? A cidade do capital produziria então uma alienação espacial?

Henri Lefebvre: Sim, exato! O novo espaço produzido traz agora um mundo novo. Além de servir para investir os capitais excedentes, esse novo espaço criado em Paris criou o mundo do consumo, do consumo de luxo, da moda, da Paris fim de século, o modo de vida consumista que no século XX se espalhará pelo mundo. Há uma ligação dialética entre o simbólico e o concreto, e nosso obscuro objeto de desejo torna-se as mercadorias! Esse novo mundo nas cidades que surge com a modernidade capitalista é o mundo cotidiano, no qual tudo torna-se passível de ser consumido, mesmo o que até pouco tempo atrás ainda não era negociável: o tempo livre. O prazer, o tempo livre do trabalhador agora é preenchido com consumo, é o lazer. É isso que é a cidade: processo dialético, traz a tragédia pra uns, enquanto para outros é uma ótima fonte de prazer!

David Harvey: Sim, sim, a cidade-evento é exatamente isso! Eventos esportivos, Copa do Mundo e as Olimpíadas estão longe de serem eventos para promover a união entre os povos. São eventos para serem consumidos, como lazer. Pão e circo dos tempos modernos... Como um bom produto de consumo, só é permitido acesso às cerimônias de união entre os povos para que tem direito. Para quem não tem dinheiro resta ficar desunido... A cidade olímpica não é para todos.

Henri Lefebvre: Exato, há segregação social e espacial!!

David Harvey: Mas não há resistências!?... Os deslocados, os removidos reivindicam o seu direito à cidade. Não porque são leitores vorazes do senhor, mestre Lefebvre, mas porque habitam, trabalham, ajudam a construir e vivenciam a cidade, e por isso percebem que têm direitos!!

Henri Lefebvre: Sim, mas é claro! O processo é dialético. O valor de troca toma a cidade, mas na cidade há luta de classes. O mundo cotidiano do consumo faz com que os sujeitos percam a consciência sobre a produção da cidade, mas eles se apropriam e ocupam os espaços da cidade para se reproduzir, para reproduzir as suas relações sociais, de modo que não se resignam em serem expulsos, em serem deslocados. Os que vivenciam a cidade exigem o seu direito de estar e usar a cidade, exigem o seu direito à cidade. É a partir desta luta, agora urbana, e não mais somente dentro da fábrica, que os sujeitos têm a chance de retomar a consciência sobre a produção da cidade. A cidade é mais que esse show que é consumido!!

ATO II: DA PRODUÇÃO DAS CIDADES À PRODUÇÃO DA URBANIZAÇÃO MUNDIAL

David Harvey: Sim, mestre, esse produto seria como uma mercadoria, certo? Tem o fetiche e a alienação das relações de produção e do trabalho que foram necessárias para sua construção...

Henri Lefebvre: É quase isto, jovem! Tu é inglês, mas até que é inteligente!! A cidade é como um produto, a cidade... o espaço é produzido socialmente! É então um espaço social. A palavra produção tinha um sentido mais amplo entre os filósofos antes de ser restrita pela discussão dos economistas políticos. A humanidade produzia cultura, linguagens, mitos, além de produtos materiais frutos do trabalho. Com os economistas políticos ingleses, o termo produção é usado com uma restrição de significado, apenas referindo-se à produção material. Marx usa mais este último significado...

David Harvey: Visão materialista...

Henri Lefebvre: Sim, mas é um materialismo dialético! Existe a produção de ideias, de cultura, mas toda esta produção tem um vínculo estreito com o mundo material, um influenciado o outro, uma relação dialética... mas o espaço não é um produto como qualquer outro. Não é produzido de maneira completa como numa fábrica, não existe na cabeça do dono

da indústria ou do engenheiro antes, não de maneira completa... Mas ainda assim muitos trabalhadores trabalharam para produzi-lo ao longo da história. A Veneza antiga é também como se fosse uma obra de arte. Mas ninguém a pensou sem sua totalidade e a executou. Foi um processo fragmentado, tendo muitos arquitetos pensado algumas construções... e muitos trabalhadores executando o trabalho, tendo uma expropriação do trabalho aí, tal como produto fabril, apesar de não sê-lo. E, no entanto, ao longo da história, foi sendo constituída uma certa concepção do espaço, foi-se cristalizando uma visão arquitetônica e urbanística, que foi dar no urbanismo de hoje em dia. De tal modo que, no mundo moderno, o espaço passa a ser produzido por especialistas com uma certa concepção do espaço, os arquitetos e urbanistas, escondendo o ato de que este espaço construído é um espaço capitalista, gerador do mundo cotidiano, do consumo dirigido, em que o Estado se alia às classes dominantes capitalistas, injetando o capital excedente por meio do capital financeiro....

David Harvey: E, assim, evita as crises econômicas....

Henri Lefebvre: Não diria evitar, meu jovem, mas escamotear.... A crise do capital virá... mas mediada pelos sujeitos, pois o processo todo é dialético! Gera a alienação espacial, mas também gera o direito à cidade e as lutas sociais! Veja o que ocorreu em maio de 1968! O mundo do consumo foi posto em xeque! O estado burocrático foi confrontado! Explosão de paixão, a irrupção!! A cidade do capital não é o mesmo que o urbano. O urbano tem poder liberador e a sociedade caminha para a revolução urbana. A cidade capitalista é uma prisão, mas carrega os gérmenes da libertação: o urbano!

David Harvey: Decerto, mestre, mas o mundo se complexificou bastante desde lá! A geração da contracultura foi engolida pela indústria cultural, novamente, e a urbanização subiu escalas! Hoje ela é mundial, e hoje a maior parte da população é urbana, sim, mas está nas favelas das grandes metrópoles da periferia!! Desde o fim do século XIX, com a reforma urbana de Paris, a urbanização subiu algumas escalas. Em Nova York do começo do século XX, ela se repete ampliadamente e passa a ser uma urbanização metropolitana, sendo os subúrbios muito mais distantes e envolvendo mais do que a cidade, mas as cidades do entorno. Depois, com a infraestrutura de transportes, a urbanização passa a atingir todo o território americano, e o consumo se espalha, o consumo de massas, american way of life! Mais tarde, o consumo dos EUA passa a sustentar o crescimento

de todos os países do mundo, por meio do seu próprio endividamento interno!!

Henri Lefebvre: Boa, jovem, desvendando o enigma do capital...

David Harvey: E as crises hoje em dia? Tornaram-se mundiais!! Uma coisa, metre, tu mostrou muito bem, e eu confirmo que, durante a década de 1980 e 1990, isso se repetiu! Sempre próximo aos períodos de crise do capital, houve momentos de grande especulação imobiliária... além disto, a produção do espaço com tal só foi possível devido à grande financeirização da economia. Para entender o que se passa hoje é preciso lembrar que vivemos em um período com maior financeirização da economia, permitida inclusive pela revolução nos meios de comunicação e de informação e consolidada por uma política imperialista do poder hegemônico global, só EUA. A acumulação flexível dessa globalização neoliberal que foi nos imposta, até militarmente, é um desenvolvimento geográfico desigual, porque o capital especulativo passa a ser mais rentável do que algum capital produtivo ficado em algum país. Os que ainda permanecem, ligados a esse mundo financeiro, jogam o jogo neoliberal de buscar rentabilidade ou ir para outro lugar do mundo mais rentável, ou em que haja menos leis trabalhistas e garantia de um mercado consumidor... passam a ocorrer sucessivos ajustes espaciais. Mas se não se investe, e o capital excedente? Ele é deslocado temporalmente por meio da construção de novas estruturas, novos espaços... o fordismo foi só uma forma em que isso ocorreu de maneira mais sistemática, mas essa sempre foi uma estratégia do capitalismo na cidade: criar espaço para escoar o excedente. A diferença é que a escala hoje é mundial!!

Henri Lefebvre: Se esse capitalismo se recriar, hein, jovem!?

David Harvey: É... mestre, os espaços do capital tornaram-se mundializados, a urbanização conquistou o mundo! Mas, hoje, a maior parte é favela, construções precárias de grandes metrópoles dos países subdesenvolvidos! Assim como o Rio de Janeiro, onde a maior parte da população vive nas periferias, num subúrbio que não é mais o da elite, de ontem, mas o das favelas sem serviços básico!! Mundializa-se a miséria urbana!!

Henri Lefebvre: Caraca, jovem!... Sabe que peguei um táxi outro dia e comecei a trocar ideia com o cara, dizendo que eu também já fui taxista, e o homem me disse que "o Rio de Janeiro era uma grande

favela com algumas ilhas de cidade no meio!” Agora entendo o que ele quis dizer....

ATO III: CONTRADIÇÕES NOS LUGARES.... E A ESPERANÇA

Pierre Bourdieu: Salut, mes amis!! Sobre o que vocês falam, sobre a miséria do mundo?! Deste tema eu entendo!

David Harvey: E aí, seu Bourdieu?! Como vai esse nosso ofício de sociólogo?! Na verdade, meu caro, estávamos falando mais do espaço, mais da Geografia...

Pierre Bourdieu: Mas se falavam sobre a sociedade, eu entendo também. Aliás, acho que a Sociologia tem até mais a contribuir... porque, sabe, falar da sociedade é o campo da Sociologia. A Geografia é uma ciência datada, parou no tempo...

David Harvey: Olha, seu Pierre, sei bem desse seu problema com a Geografia, e eu nem estou mais ligando pra essa divisão de disciplinas, mas a Geografia tem o seu legado e contribuição.

Henri Lefebvre: O pensamento não pode ser disciplinar, isso é apequenar o pensamento com mesquinhas das instituições.

Pierre Bourdieu: Talvez, mas eu tenho minha própria teoria do espaço, e vocês podem ver como ela é consistente...

David Harvey e Henri Lefebvre: Certo, então diga lá, seu Pierre!...

Pierre Bourdieu: Oie, por moi c'est comme ça: a sociedade é uma intersecção de campos, que se sobrepõem com suas regras próprias e seus jogos de força. Cada campo é um jogo que contém suas relações de força, e estas baseiam-se nos diferentes capitais que cada agente consegue acumular. Sim, muitos capitais, porque além do capital propriamente dito, este de que Marx falava, para mim existe diferentes tipos de capital simbólico. E a sociedade é um espaço social com gradação entre diferentes posições, cada qual com seu grau de capital que lhe garante o poder. O espaço social está sobre o espaço físico, e a apropriação das pessoas sobre essas coisas físicas, que fazem elas adquirirem valor social e participarem do jogo de relações... Assim, acaba que cada lugar do espaço físico corresponde a um lugar social.

Henri Lefebvre: Muito boa sua teoria, seu Pierre, mas eu já falava de apropriação simbólica há um tempo...

Pierre Bourdieu: O segredo são os capitais simbólicos que fazem as distinções sociais!... Marx não fala de capital simbólico, e ele é fundamental para entender as relações sociais na cidade, porque são centrais para determinar as relações de poder! Pois vejam só: o que dificulta as coisas para quem nasce longe das áreas privilegiadas é que a convivência com outros que não possuem capital simbólico só abaixa ainda mais seu capital. Ao contrário, a vizinhança com outros que também têm muito capital simbólico valoriza ainda mais o capital do lugar. Olhe bem, é só comparar Botafogo com Complexo do Alemão! A existência de cinemas, de museus, de gente que frequenta museus e cinemas, de gente que frequenta escritórios e faz compras no shopping são como capitais simbólicos que se sobrepõem e aumentam o capital do lugar e de quem está próximo. Por outro lado, a vizinhança no Alemão, de gente sem capital simbólico, a ausência de museus, de universidades, de universitários... e a convivência com traficantes, tudo isso só piora o capital das pessoas que moram em uma das comunidades do Complexo da Maré...

Henri Lefebvre: Certo, estou entendendo seus argumentos, seu Pierre, mas você não está esquecendo de algo, não?... E o poder do encontro que a cidade pode proporcionar? E a riqueza da convivência com a diferença, que a própria cidade cria?... Além do mais, as pessoas usam e habitam outros espaços da cidade, às vezes espaços que não foram criados para elas, e revalorizam estes espaços, se reapropriam destes espaços!!

Pierre Bourdieu: Certo, camarada Lefebvre... mas é preciso não subestimar o poder simbólico! Ele é poderoso...

David Harvey: Oh, caros franceses!, permitam um inglês-americano interromper a discussão, mas creio que entendo a visão de seu Pierre sobre o capital simbólico e a discussão sobre posição social no espaço relativo, afinal, o espaço é relacional, certo? Mas queria contribuir tentando fazer uma síntese, ou com um elemento novo... É verdade que existem esses campos, mas é preciso considerar o poder de gente nos lugares subverter a coisa toda. Por exemplo, criar uma outra ordem social invertida, uma outra “situacionalidade” e outra “posicionalidade” por meio da criação de ilhas dentro do espaço social. Foucault já discutiu isso, quando falou das heterotopias, espaços

com regras diferentes das do entorno... E isto existe e sempre existiu! Vejam o que a mobilização da Vila Autódromo conseguiu!! Vejam os coletivos, o Comitê Popular da Copa e das Olimpíadas! A meu ver, o grande problema é na verdade como superar a fragmentação e juntar as várias organizações contra-hegemônicas nos lugares...

Pierre Bourdieu: Tenho minhas dúvidas... Não estou assim tão certo disso.

Henri Lefebvre: Oh... seu Pierre, acho que o jovem está certo, e que você deixou-se influenciar muito pelo estruturalismo!... Faltou dialética na sua lógica! E tu, jovem, eu diria que trata-se mais do poder da comuna, que habita ainda a cidade e terá o papel de subverter a ordem. Foi assim na Comuna de Paris!! Será assim hoje!! É só pensar qual o maior movimento social do Brasil? E se algo próximo dele começar a demandar o urbano?! A história falará...

CONCLUSÃO

Este artigo pretendeu usar uma forma lúdica para dialogar as teorias de três importantes autores sobre a cidade, especialmente comentando o que ocorre no Rio de Janeiro. A forma brincalhona não dispensou, porém, a tentativa de confrontar as ideias dos autores. Se David Harvey usa muito as ideias de Henri Lefebvre, e podemos dizer até que hoje tornou-se um seguidor, não se pode desconsiderar que ele traz inovações e interpretações muito atuais. A realidade das cidades atuais hoje liga o mercado financeiro com a valorização dos preços das terras, haja vista a crise financeira de 2008 e a sua ligação com os subprimes e as hipotecas nos EUA.

O direito à cidade ressurgiu no começo do século XXI como um slogan dos próprios movimentos

sociais e não exatamente por referência ao filósofo. Mais por conta da espoliação do processo de acumulação nas cidades e a diferença que cria entre os que podem usufruir dos benefícios e serviços, e aqueles que só observam e trabalham para ajudar a construir esses serviços. Isso quando conseguem trabalho dentro do sistema. A força da inércia, do poder simbólico dificultando as transformações e tornando mais forte as estruturas, não pode impedir a visão da mudança e da esperança. Juntar o avanço de cada um dos autores para que isso ocorra é um dever e também um objetivo do presente artigo.

BIBLIOGRAFIA

- CHIODELLI, Francesco. La cittadinanza secondo Henri Lefebvre: urbana, attiva, a matrice spaziale. **Territorio**, 2009, n.51, pp.103-109. Disponível em: http://www.lessisless.it/materiali%20univ/2009_TERRITORIO_cittadinanza_Lefebvre.pdf. Acesso em: 18 ago. 2016.
- HARVEY, David. **Le capitalismo contre le droit à la ville**. Néolibéralisme, urbanisation, résistances. Paris: Editions Amsterdam, 2011.
- _____. **Espaços da esperança**. 2 ed. São Paulo: Edições Loyola, 2006.
- _____. **A condição pós-moderna**. Uma pesquisa sobre as origens da Mudança Cultural. 21.ed. São Paulo: Edições Loyola, 2011.
- LEFEBVRE, Henri. **O Direito à Cidade**. São Paulo: Centauro Editora, 2001.
- BOURDIEU, Pierre. Efeitos do lugar. In: BOURDIEU, Pierre. (coord.) **A miséria do mundo**. Petrópolis: Vozes, 2008.
- _____. **Os usos sociais da ciência: por uma sociologia clínica do campo científico**. São Paulo: Editora Unesp, 2004. pp. 159-166. ■